

# ANTÓNIO ARAGÃO ENTRE LINHAS, CORES E VOLUMES

ISABEL SANTA CLARA

Universidade da Madeira - Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais

DOI: 10.34640/universidademadeira2022clara

**Resumo:** Na primeira parte é apresentada, diacronicamente, a produção de António Aragão (1921-2008) na área das artes plásticas, percorrendo os seus principais trabalhos de desenho, óleo, aguarela, laca, escultura, cerâmica ou colagem e incluindo as incursões pela arte pública. São referidos os géneros que abordou (retrato, natureza-morta, costumes, paisagem e uma figuração mais inventiva e livre) e a multiplicidade dos seus interesses, tanto na diversidade de técnicas como nas variações estilísticas, que podem ir de aproximações ao neo-realismo, ao expressionismo, ao abstraccionismo, ao gestualismo ou a uma nova figuração de cunho neo-expressionista. É mencionado ainda o eco das suas exposições na imprensa local.

A segunda parte procura destacar nexos e linhas de força do seu percurso, como as suas oscilações entre a ligação à ilha e o apelo do mundo lá fora, entre a destruição e a construção no processo criativo, entre o uso da palavra e o uso da imagem, entre a manualidade/ materialidade e o recurso à máquina, entre a atitude angustiada e a veia satírica.

A terceira parte resume o papel das artes plásticas no âmbito da sua multifacetada e dificilmente categorizável produção artística, aludindo ao carácter de síntese, mas também à fogueira, das suas últimas obras.

**Palavras-chave:** António Aragão; pintura; escultura; colagem; arte pública; figuração; abstracção.

**Abstract:** The first part presents, diachronically, the artistic production of António Aragão (1921-2008) in the field of visual arts, encompassing his main works of drawing, oil, watercolor, lacquer, sculpture, ceramics or collage and including his public art commissions. Portrait, still life, customs, landscape and a more inventive and free figuration are mentioned, as well as the multiplicity of his interests, both in the diversity of genres and in the stylistic variations. He has been, in fact, in different moments, close to neo-realism, expressionism, abstractionism, gesturalism and neo-expressionist figuration. Furthermore, this paper enumerates and analyzes the echo of his exhibitions in the local press.

The second part highlights the nexuses and the guiding lines of his journey, such as the oscillations between the connection to the island and the appeal of the outside world, between destruction and construction in the creative process, between words and images, between manuality/materiality and the use of the machine, between the anguished attitude and the satirical vein.

The third part summarizes the role of visual arts in the context of his multifaceted artistic production, which is difficult to categorize. Moreover, it alludes to the character of synthesis, but also to the intensity of his latest works.

**Keywords:** António Aragão; painting; sculpture; collage; public art; figuration; abstraction.



### Primeiro andamento – na diacronia

O interesse de António Aragão pelas artes plásticas data dos anos quarenta do século XX, tendo iniciado a sua aprendizagem com Leni Mifsud, pintora gibraltina exilada na Madeira, entre 1940 e 1945 (LUÍSA, 1994).<sup>1</sup> Continuou a desenvolver esta actividade, em paralelo com o curso de Ciências Histórico-Filosóficas, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Subsistem deste período simples exercícios de desenho à vista de ornatos e de modelo, à maneira do que eram então as práticas de iniciação aos cursos de Belas-Artes. Não há, no entanto, registo de matrícula na Escola de Belas-Artes de Lisboa. Eventualmente terá frequentado um dos cursos da Sociedade Nacional de Belas-Artes e terá continuado a praticar através do contacto com artistas.

Expôs pela primeira vez individualmente na Associação Comercial do Funchal, em 1946 (8-12-1946 a 8-1-1947). Constavam desta exposição paisagens, naturezas-mortas e retratos, sendo a maioria dos trabalhos em pintura e alguns a pastel. Com a assinatura H. que, pela ênfase colocada no elogio da ruralidade insular, julgamos poder tratar-se de Horácio Bento de Gouveia, o *Diário de Notícias* dá conta da preparação desta exposição, salientando a personalidade, a técnica e a sensibilidade do autor, bem como as temáticas enraizadas no mundo rural. Destaca “Cansaço”, um cavador forte e musculado, mas transmitindo esse desgaste do trabalho duro; “Prece”, a expressão dramática de uma mulher em angustiada oração; e “Duas bonecas”, pastel representando uma menina com a sua boneca. Da paisagem, salienta “Praia em Santa Cruz”, “Largo de S. Pedro”, “Varando o barco”, “Pôr do sol”, e cenários de brumas. Assinala ainda a existência de naturezas mortas (H., 1946:1).

Após a inauguração, Gonçalves Preto tece largos elogios, salientando o lado emotivo e a forte personalidade do pintor, manifestada sobretudo nos retratos. Destaca o “modo magistral” como dá a ver “O levantar do nevoeiro”, em S. Vicente, a “originalidade flagrante” de “Botão esquecido”, a “precisão de cor” de “Mar agitado”, a harmonia de “Limões”, o “vibrante realismo” e “magnífica expressão” de “Prece”, e nomeia ainda “Esquecer”, “Cansaço”, “Minha avó”. Por fim, afirma que “onde o artista se completa é em “A vida”, velha bruxa enganadora que é quanto a nós a sua obra prima” (PRETO, 1946: 38).

Boa parte das peças patentes nesta mostra dispersaram-se em coleções particulares: “A prova do êxito alcançado por esta notável exposição está, sem dúvida, no número dos quadros vendidos, sendo compradores algumas pessoas de destaque no nosso meio social e colónias estrangeiras” (s.n.,1947: 4).

Em 1949, participou com pintura a óleo, na *XLVI Exposição Anual de Pintu-*

<sup>1</sup> Informação dada por António Aragão em entrevista à RTP Sobre esta pintora, que também deu aulas a Martha Telles, veja-se SANTA CLARA, 2019b.



ra a *óleo e Escultura* da Sociedade Nacional de Belas-Artes, tendo como temas actividades rurais e piscatórias madeirenses: “Cava - Ilha da Madeira” (n.º 21) e “Varando” (n.º 22). Um outro seguro e expressivo desenho deste período, uma mão que agarra uma pedra, colhe a sua força na acentuação dos pormenores anatómicos (imagem 1).

No mesmo ano apresenta pinturas de paisagem no Club Sport Madeira, que seriam estudos para uma decoração a realizar em Lisboa, na Casa da Madeira, que não sabemos se chegou a concretizar-se. Gonçalves Preto destaca “Sr. Joaquim”, a excelente perspectiva e a realidade do colorido de “Torre da Sé” e “Torre de Santa Clara”, e ainda “Beiral do Paul”, “Rabaçal”, “Arco de S. Jorge”, “Nascentes da ribeira de Santa Cruz” (PRETO, 1949: 2). Noutro periódico, o *Diário de Notícias*, lê-se: “Sentindo naturais dificuldades técnicas que o seu autodidactismo não podia resolver, abalou para Lisboa afim de procurar junto dos Mestres as lições que completassem a sua educação artística” (s.n., 1949: 1). O articulista, provavelmente Elmano Vieira, nota grandes melhorias no desenho, e “nos ajustamentos de planos e perspectivas”, conservando

a sua forte índole impressionista na forma deliberada como maneja o jogo das cores, todavia com mais doçura e equilíbrio ao ajustar os valores das tintas. [...] impressionou-nos particularmente os “Balcões” (Ribeiro Frio), “Panorama de S. Jorge”, “Claustro de Santa Clara”, “Queimadas”, bem como um trecho de Santa Cruz. (s.n., 1949: 1)

Também lhe chamou a atenção a “acuidade psicológica” de um retrato e a expressão do olhar de um cão vagabundo (s.n., 1949: 6).

No ano seguinte, assinando ainda Aragão Correia, expôs no Consulado do Brasil, no Funchal, com Cruz de Carvalho (1930-2015) e Álvaro Perdigão (1910-1994). Estes dois visitantes percorreram o interior da ilha da Madeira, pintando trechos de locais como a Serra de Água, S. Vicente ou o Estreito de Câmara de Lobos (s.n., 1950: 1 e 4).<sup>2</sup> Álvaro Perdigão, então já reconhecido e premiado, expunha regularmente há muito as suas depuradas pinturas, maioritariamente de paisagem. Conheceria António Aragão da acima referida exposição, de 1949, na SNBA, em que ambos participaram<sup>3</sup> e, eventualmente, de um curso de desenho que leccionou nesta instituição. Cruz de Carvalho ingressou nesse ano no curso de Pintura da Escola de Belas-Artes, mas tinha já exposto na SNBA e obtido alguns prémios.

<sup>2</sup> Cruz de Carvalho, ainda aluno da Escola de Belas-Artes de Lisboa, expôs com Lourdes Castro, Teresa Sousa e José Escada no Museu Nacional de Arte Antiga e na Galeria Pórtico em 1955. Enveredou depois pelo design, área em que teve uma presença marcante, desde a produção de mobiliário (Altamira e Interforma) ao design gráfico e expositivo.

<sup>3</sup> O espólio de Aragão, posto à venda em Leilões Mouraria, em 2015, incluía uma aguarela de Álvaro Perdigão (António Aragão, 2015, n.º 19). O n.º 25 da exposição Motivo imprevisível corresponde a uma aguarela feita durante esta visita à Madeira.



## ANTÓNIO ARAGÃO ENTRE LINHAS, CORES E VOLUMES

Aragão apresentou no salão do Consulado oito trabalhos, entre os quais paisagens locais, como “Nevoeiro - Santo da Serra” (n.º 42) e retratos de “Manuel da venda” e de “Maurício” (n.º 40). A exposição é abertamente elogiada por Gonçalves Preto que, embora confesse não ser fácil de contentar em matéria de arte, considera Aragão um “Pintor de rara sensibilidade e de boa técnica” e admira a expressividade dos retratos sobretudo o de “Maurício” (PRETO, 1950: 2).

Subsistem séries de desenhos não datados.<sup>4</sup> Uma delas centra-se em figuras nuas, esquiladas, cabisbaixas e desalentadas, descritas com expressivos traços curvilíneos e com a inscrição “cenas dum deserto” em vários desenhos. A angústia perpassa toda a série e, num dos desenhos, vê-se ao fundo um barracão, tubagens e uma cerca de arame farpado, próprios de um campo de concentração (Imagem 2).

Noutras séries o traço torna-se anguloso, pés e mãos fortemente acentuados. A temática é de trabalho, como um remador datado de 1954 (Imagem 3), uma figura acabrunhada, sentada no chão, afim de “O almoço do trolha” (1946-50), de Júlio Pomar, pescadores alando o cabo, vendedor de peixe com selha à cabeça ou homem a carregar um cesto com pedras. Tanto na temática, como na matriz formal expressionista, sente-se a proximidade ao neo-realismo. Em simultâneo, faz desenhos relacionados com levantamentos de património, que se prolongam pela década seguinte, registando interessantes construções como a Quinta da Estrela, o Convento de Santa Clara ou as ruínas da Capela da Esperança.<sup>5</sup>

A década de 1950 vai também trazer a Aragão outro tipo de experiências, em que a figuração é sinteticamente apontada num desenho incisivo e solto, as cores são saturadas e os contrastes fortes. Algumas têm a data de 1955 e são assinadas “Aragão” ou “A Aragão” e, ainda que mais geometrizarantes, no cromatismo e na temática lembram as paisagens de Nikias Skapinakis na sua fase de lirismo expressionista (Imagem 4).

Da mesma altura é uma paisagem matérica em que enfatiza a volumetria e os contrastes cromáticos do casario (Imagem 5).

1956 é o ano do expressivo extratexto da revista *Búzio*, de traço vigoroso e de forte angulação, representando uma figura de costas, de contorno acompanhado por grafismos geometrizados que, ao invadirem de igual modo forma e fundo, atenuam a modelação da figura e nivelam a composição. Aproxima-se de uma figuração abstractizante, comum a diversos artistas nesta década em Portugal, mas também, pela acentuação das mãos e dos pés descalços, como nos desenhos acima referidos, de soluções formais do neo-realismo.

<sup>4</sup> Desenhos que fazem parte do espólio adquirido pelo Governo Regional da Madeira, alguns deles expostos em *PENSAR ARAGÃO*, na Quinta Magnólia (Funchal, 2021).

<sup>5</sup> Este último, não datado, integrou a exposição *António Aragão: a sua intervenção no estudo e na defesa do património cultural insular*, no Arquivo e Biblioteca da Madeira, 2021.



No mesmo ano, em Maio, realizou uma alargada exposição individual de pintura e escultura, no Clube Funchalense. A preparação tinha sido já anunciada num texto não assinado, relatando uma visita ao atelier.<sup>6</sup> Conta Aragão que uma visita em trabalho ao Museu Machado de Castro e o contacto com artistas lhe despertaram o interesse pela escultura, levando-o entusiasmar-se pela modelação em barro: “Quando se modela o barro, sente-se que alguma coisa de novo nasce sob as nossas mãos... A ideia e a forma adquirem vivência, completam-se, integram-se num plano de existência e de permanência em que nada se divide ou se perde...” (s.n., 1955: 3).

O folheto da exposição, com breves apontamentos biográficos e a listagem das cinquenta e sete obras apresentadas, divididas em desenhos, aguarelas, óleos, cerâmicas e esculturas, destaca ser “um dos pintores nacionais escolhidos por *La Revue Moderne*, de Paris para representar a moderna pintura portuguesa”. A este início de uma visibilidade para além fronteiras, acrescenta-se um convite para expor na Suíça no ano seguinte.<sup>7</sup>

O articulista E.V. [Elmano Vieira] afirma ter ficado surpreendido pelo espírito poliforme de Aragão, pois se já o conhecia como poeta, escritor e pintor, revelava-se também nesta mostra como escultor e ceramista. Vê-o “agora distanciado sua primeira maneira”, “francamente sincero no seu modernismo”, com “fulgor audacioso da sua actual expressão, sobretudo no policrómico traço grosso”. Deixou-o particularmente impressionado o retrato de homem do campo (V[IEIRA], 1956: 1).

Gonçalves Preto reencontra a forte personalidade que notara na exposição anterior e destaca: os mais representativos desenhos (“Apanhando Pedras”, “Tocando Mambo”, “Coimbra”, “Conversas”); aguarelas (“Chateado”, “Procissão”, “Arraial”, “Enterro”); óleos (“Retrato - homem do campo”, “Guindaste da Pontinha”, “Natureza Morta”, “Alhambra de Aragon”); esculturas (“S. Francisco de Assis”, “Bêbedos”, “Cristo em agonia”, “Camilo”, “Menina triste”) e cerâmicas (“A Virgem”, o prato “Ouriços do mar” e o azulejo “Búzios e estrelas do mar” (P[RETO], 1956: 4) (imagem 6).

Aragão foi docente de cadeiras teóricas na recentemente criada Academia de Música e Belas-Artes da Madeira (AMBAM), a partir de 1957 e, neste ano e no seguinte, executa em barro o baixo-relevo “Artes e Ofícios”, para a fachada da Escola Industrial e Comercial do Funchal (hoje Escola Secundária de Francisco Franco) (Imagem 7). A versão final foi executada em pedra de cantaria rija cinzenta. O friso, com 9 metros de comprimento, que corre sobre a entrada principal, recorre a figuras simplificadas, vistas de costas ou perfil, em posições de trabalho, com o mínimo de pormenores identificativos do ofício, mas particular ênfase dado às mãos. Em 1959, fez

<sup>6</sup> Colocamos a hipótese de tratar-se de Horácio Bento de Gouveia, então director deste periódico, onde Aragão tinha publicado crónicas.

<sup>7</sup> Não conseguimos consultar esta revista parisiense, como também não encontramos documentação acerca da exposição na Suíça.



ANTÔNIO ARAGÃO ENTRE LINHAS, CORES E VOLUMES



**Imagem 1.** Desenho a carvão, 1949, assinado.  
Foto: aragao.org



**Imagem 2.** Desenho a grafite da série "Cenas de um deserto",  
18.7 x16 cm. Foto: Catarina Pestana.





**Imagem 3.** Desenho 1954, 19x13 cm.  
Foto: Catarina Pestana.



**Imagem 4.** Paisagem, 1955. Foto: aragao.org



ANTÔNIO ARAGÃO ENTRE LINHAS, CORES E VOLUMES



**Imagem 5.** Paisagem com casario, óleo sobre platex, 1965, 26x33 cm. Foto: Catarina Pestana.



**Imagem 6.** "Búzios e estrelas do mar", 1955, azulejo, catálogo de Leilões Mouraria.



**Imagem 7.** painel alusivo aos ofícios, cantaria cinzenta, Escola Secundária Francisco Franco. Foto: Filipa Venâncio.





**Imagem 8.** Óleo sobre platex, 1957, 51x60 cm:  
Foto: Catarina Pestana.



**Imagem 10.** Monumento comemorativo do *Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique*, 1960, cantaria cinzenta, Porto Santo. Foto: Emanuel Gaspar.



**Imagem 9.** "Ressurreição da morte vigiada", assinado, óleo sobre platex, 92x122cm. Foto: Catarina Pestana.



ANTÔNIO ARAGÃO ENTRE LINHAS, CORES E VOLUMES



**Imagem 11.** Paineis cerâmicos alusivos à pesca, mercado de Santa Cruz.  
Foto: Município de Santa Cruz.





**Imagem 12.** ass. A. Aragão, 1962, técnica mista, óleo sobre gesso texturado e relevado sobre contraplacado, 64x44cm. Foto Catarina Pestana.



**Imagem 13.** Guache sobre papel, 1965, 50x70cm. Foto: Catarina Pestana.





ANTÔNIO ARAGÃO ENTRE LINHAS, CORES E VOLUMES



**Imagem 14.** “Carregando lenha na serra”, ilustração de *Canhenhos da Ilha*, p. 94.



**Imagem 15.** “Sem doping nem borboletas nem privatizações”, colagem e técnica mista, 65x50 cm. Foto: Catarina Pestana.





**Imagem 16.** “A viagem antes da alegria”, 1992, assinado, 70x100 cm. Foto: aragao.org



**Imagem 17.** Extra-texto de “Textos do Abocalipse”, 1992.





## ANTÓNIO ARAGÃO ENTRE LINHAS, CORES E VOLUMES

nova incursão pela arte pública com uma escultura de parede, em cantaria cinzenta, “Santa Ana com a Virgem”, para a Câmara Municipal de Santana<sup>8</sup>.

No mesmo ano participou no *I Salão dos Novíssimos*, do Secretariado Nacional de Informação, com três óleos sobre unitex, dois de 92x122, e um de 52x61 cm, muito provavelmente abstractos. Terão sido estes mesmos quadros, pois são da mesma medida, que enviou para a *II exposição de arte moderna de Viana do Castelo*, uma itinerante iniciada no Museu Regional desta cidade, depois apresentada em Coimbra, no Círculo de Artes Plásticas, finalizando em Caldas da Rainha, já no ano seguinte, no Clube Cénico Caldense. Organizada pelo então director do referido Museu, Manuel de Sousa Oliveira, teve o patrocínio da Gulbenkian e a colaboração de Adriano de Gusmão.<sup>9</sup>

Algumas peças abstractas desta época, matéricas, com volumétricas formas agrupadas e destacadas do fundo (Imagem 8), aproximam-se de soluções plásticas de Júlio Resende (v. “Mulheres na Ribeira”, 1956).

Outras composições abstractas, pondo igualmente em destaque a matéria pictórica, enveredam por formas mais angulosas (Imagem 9), próximas de algumas composições de José Júlio (v. “O cais”, 1956).

Em 1960, Aragão participou no *II Salão dos Novíssimos*, do SNI, com três lacas intituladas “Máquinas” e fez o monumento comemorativo do *Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique* para a alameda planeada por Chorão Ramalho, no Porto Santo. Optou por um alongado prisma quadrangular com desenho muito simplificado, inciso nas quatro faces, representando os intervenientes nas expedições marítimas, navegadores, marinheiros, homens de armas e clero. Tira partido do grafismo de elementos como o cordame ou os cabelos e joga com a expressividade das poses, ao forçá-las ao difícil enquadramento longitudinal (Imagem 10).

Ainda em 1960 participou na *I Exposição Nacional de Pintura* com “A cidade no espaço” e “Reflexões sem data”. Esta mostra integrava o II Festival de Música e Belas-Artes da Madeira e foi realizada no Casino (Quinta Vigia), no Funchal, numa organização da AMBAM em parceria com a Sociedade Nacional de Belas Artes. Expuseram 43 artistas, entre os quais Álvaro Perdigão, António Charrua, Artur Bual, Fernando Azevedo, Hogan, José Júlio, Menez, Teresa Sousa e Vespeira (s.n., 1960: 1 e 3).

Na *II Exposição de Artes Plásticas*, na Fundação Calouste Gulbenkian, em

<sup>8</sup> As conexões de António Aragão com a arte religiosa foram abordadas Martinho Mendes na conferência “António Aragão na esfera da Arte Sacra e Religiosa” realizada a 18-11-2021 no Museu de Arte Sacra do Funchal.

<sup>9</sup> Expuseram pintura, além de Aragão: Aníbal Alcino, António Assunção Sampaio, António Pimentel, António Quadros, Artur Bual, Cândido Costa Pinto, Carlos Carneiro, Dordio Gomes, Ezequiel Augusto Pinto, Fernando de Azevedo, Gastão Seixas, Helder Pacheco e Jaime Palmela. Também constavam desta exposição, gravura e cerâmica (*Arte Moderna*, 1960). Mais informações em “Ainda acerca do Dr. Manuel Sousa d’Oliveira” in *Gazeta Caldense*, 22-6-2012, disponível em <https://gazedascaldas.pt/opiniaio/ainda-acerca-do-dr-manuel-sousa-d%E2%80%99oliveira/>



1961, quando era já bolsheiro desta instituição, apresentou composição abstracta, em laca, de 122x92 cm, hoje no MUDAS-Museu de Arte Contemporânea da Madeira. É constituída por uma estrutura de linhas ortogonais e curvas, animada por transparências e sugestões de espaço ambíguo, criado pela indefinição de planos e pelo jogo de texturas e de luzes. As notas biográficas do catálogo mencionam uma exposição em Barcelona, em 1957, e outra em Londres, em 1961.<sup>10</sup>

Concebeu dois painéis cerâmicos para o Mercado de Santa Cruz, em 1962, com figuras geometrizadas e simplificadas, tanto no traçado como na atenuação do relevo. O jogo cromático, em que predominam os azuis, verdes e ocre, é de suaves contrastes, esbatendo a distinção figura-fundo. Um é alusivo à pesca, tendo por fundo uma estilização de velas de barco, com dois pescadores de pé, à esquerda, de selhas à cabeça, outro acocorado junto à selha com peixes e um quarto de pé encostado ao barco varado (imagem 11). O outro painel, com um fundo de montanhas geometrizadas, é dedicado ao trabalho do campo, com uma figura de lavrador de pé, com um cântaro de água à boca, dois a cavar ao centro e duas mulheres a semear, à direita.

Uma pintura abstracta de pendor informalista, também de 1962, aborda outro tipo de experiência plástica, jogando com texturas e transparências (imagem 12).

Em 1965, expôs guaches na galeria Divulgação, em Lisboa, sendo dezasseis de 100x70 cm e três de 70x50 cm (imagem 13). São gestos lançados com trincha larga e tinta fluida, tirando partido de acasos de diluições e de escurências, lembrando o gestualismo largo de Pierre Soulages.

No mesmo ano, num registo completamente diferente, apresentou “Novas aguarelas de costumes”, no Funchal, no Pátio das Artes. Sente-se, tanto no modo como as figuras fixam mais os tipos que os indivíduos, como nas temáticas, a marca das recolhas etnográficas então levadas a cabo pelo autor. Estilisticamente coesas, optam por um grafismo anguloso, sintético e expressivo a contrastar com as aguadas da aguarela. O folheto da exposição refere as estampas e aguarelas românticas que, no seu tempo e à sua maneira, registaram as paisagens e gentes da ilha e afirma em relação a estes novos: “ao divulgarmos alguns dos actuais costumes da Madeira, pretende-se, de certo modo contemporâneo, continuar a velha tradição numa justa homenagem ao povo insular” (*Retrospectiva de António Aragão*, 1983: 2). É este diálogo com o passado que justifica o adjectivo “novo” no título da exposição.

A vertente etnográfica, presente nas aguarelas de costumes, marca também as ilustrações do livro de Horácio Bento de Gouveia, *Canhenhos da Ilha*, que registam actividades relacionadas com a agricultura, com festividades, além de alguns edifícios (imagem 14).

Numa iniciativa da Comissão de Festas do Fim do Ano em colaboração

---

<sup>10</sup> Não encontramos catálogo ou qualquer outra documentação sobre estas exposições no estrangeiro.



com a SNBA, realizaram-se no Funchal duas importantes mostras. Na *I Exposição de Arte Moderna Portuguesa no Funchal*, em 1966, Aragão mostrou três guaches abstractos, extra-catálogo, pois fazia parte do júri. Na segunda edição, em 1967, Aragão apresentou três peças de 100x70 cm intituladas “Glória era o seu nome”, “Noite de Verão” e “A Árvore das sete Cabeças”. Por ocasião do seu primeiro aniversário, também em 1967, o Cine-Forum do Funchal expôs obras adquiridas nas duas edições da *Exposição de Arte Moderna Portuguesa no Funchal*, entre as quais uma pintura e um guache de Aragão. As aquisições destas mostras constituíram o núcleo fundador do acervo do actual MUDAS-Museu de Arte Contemporânea da Madeira.

Segue-se, até 1992, um hiato na produção de artes plásticas, já que Aragão se dedicou preferencialmente ao visualismo, experimentalismo e literatura. Neste período, no entanto, foi possível ver parte da sua produção em retrospectivas. A primeira, em 1981, na galeria de exposições temporárias do Museu de Arte Sacra do Funchal, com pintura de 1957 a 1965, organizada pelo Cine-Forum do Funchal. O catálogo teve um elucidativo texto de Jorge Marques da Silva, com particular atenção às potencialidades expressivas dos diferentes materiais e técnicas utilizados, e um texto do próprio autor, “A propósito do desespero de ver”, marcado pela vontade de um olhar alternativo, pelo recorrente uso de “talvez” abrindo hipóteses e pela recusa do senso comum, reflexões que adiante retomaremos.

Uma retrospectiva de “Aquarelas de costumes madeirenses”, no Teatro Municipal do Funchal, em 1983, retoma trabalhos datados de 1965, como se explica no catálogo:

baseia-se sobretudo em matrizes realizadas em 1965 e agora tecnológica e manualmente renovadas. Após uma exposição levada a cabo nesta data, no Funchal, estes trabalhos de registo etnográfico tiveram uma larga difusão entre nacionais e estrangeiros. Depois de uma longa paragem, voltou-se a repor vários dos antigos módulos recolhidos, no propósito de continuar a oferecer alguns aspectos vivamente típicos do povo madeirense (*Retrospectiva de António Aragão*, 1983: 2).

Os dados biográficos destes catálogos de 1981 e 1983 centram-se na produção literária, seja em prosa, seja no âmbito da poesia experimental, não aludindo a exposições de artes plásticas.

*Evocação equívoca da ilha* foi outra retrospectiva apresentada em 1991, na Galeria Porta 33, no Funchal. Já estabelecido em Lisboa com o projecto *Vala Comum*, António Aragão expôs dezanove pinturas executadas entre 1958 e 1969. O texto que escreveu para o folheto da exposição aflora alguns dos seus tópicos recorrentes: a oscilação entre a ilha — esse “aceso lugar com mar e rochas e gente e paisagens” — e o mundo, inseparável das máquinas, aqui como elementos de conexão a distância, como a televisão e o telefone; fortes sentimentos como o assombro e a cólera; o perpassar da morte e da loucura, a incerteza de repetidos “talvez”, interrogações e condicionais, a veemência dos adjectivos e advérbios: “Começa-se talvez muito



fácil e muito perto o pasmo fundo do mar e das rochas com gente e paisagens e o Iraque na televisão e depois esconde-se no costume incendiado das mãos o assombro irremediável da loucura do que desesperadamente não queríamos ser” (*António Aragão. Evocação equívoca da ilha*, 1991: 1). Poderia dar uma inesperada definição de pintura este “costume incendiado das mãos”, onde se esconde “o assombro irremediável da loucura do que desesperadamente não queríamos ser”?

Assinale-se que, nesta mostra, a pintura sai transfigurada pelos títulos dados às abstracções, criando uma propositada tensão entre a função iconográfica e por vezes narrativa dos textos e o afastamento das imagens em relação à realidade visível e à legibilidade da representação. Como ele próprio diz: “Eram trabalhos sem títulos e não resisti a dar os títulos que hoje sinto” (BERNARDES, 1991: 6). Intitulou assim os 13 óleos: “O pássaro de lugar sentado”, “Louca borboleta submersa”, “Onde ninguém falou”, “Para um horror sem remorsos”, “É fácil um terceiro enlouquecer”, “Quando uma voz não acredita”, “Dolorosamente numa manhã acabada”, “Talvez seja azul ou mar mentido”, “As vozes perto de saber o horror”, “Outra maneira de violar um astro”, “A batalha das malditas estações”, “Ressurreição da morte vigiada”, “Encontros do olhar e do sangue”. As 5 lacas: “Outra vez falando de remorso”, “Será que foi antes ou depois de nada”, “Às vezes nunca emudece o horror”, “Por dentro das mãos destruídas”, “Uma altura virgem calada”. Uma cabeça em pedra, algo danificada, tomou o nome de “Medusa depois de traída” (*António Aragão*, 2015, n.º 62).

A nota biográfica do catálogo da Porta 33 faz uma breve referência a ter exposto pintura até 1975 em Portugal (Funchal e Lisboa — Galeria Divulgação, Quadrante, Galeria 111, Galeria Diferença), Espanha (Madrid, Sevilha e Barcelona) e México. Há aqui uma voluntária selecção que deixa de lado as aguarelas de costumes, que o autor, aliás, desvalorizava, considerando-as um recurso comercial que lhe permitia desenvolver outras actividades que lhe interessavam mais. Na listagem de exposições aparecem apenas as que se enquadram nas práticas de poesia visual e de experimentalismo, bem como as obras publicadas.

Dentro do mesmo critério, na exposição *Pintura*, coordenada por António Rodrigues, José Baptista Fernandes e Rita Fernandes e apresentada na Casa da Cultura de Santa Cruz, em 1996, os dados biográficos incidem sobre os seus interesses à época, omitindo as exposições de artes plásticas anteriores. Um núcleo desta mostra incidia, no entanto, em trabalhos feitos entre 1950 e 1969, exemplificando as suas incursões pelo retrato, pela natureza-morta, pelos desenhos e aguarelas figurativos e pelos óleos e lacas abstractos. Outro núcleo era dedicado a experiências recentes, de 1992, com a série “Os monstros”, cujos títulos, desta feita, ao invés do caso anterior, emanavam das próprias características da figuração, povoada de personagens desbragadas, grotescas, que gritam, se arregalam e gesticulam exuberantemente, de monstros sem catalogação possível (imagem 15) e de cães de dentes arreganhados.



As personagens de pés de porco (imagem 16) parecem derivar dos porcos que inopinadamente surgem nas cartas entre Alberto Pimenta e Aragão: “eu então fui à varanda e pus-me a olhar para cima, para o céu, a ver se descobria qualquer coisa. ao fim dalgum tempo reparei que estavam dois porcos de gravata debruçados num parapeito” (ARAGÃO e PIMENTA, 1984: 86). “Quanto aos porcos não me admira. Eu também me sinto afocinhado por todos os lados [...] E julgo que os porcos, tão genuinamente nacionais, não obstam às conquistas de Abril. Não ligués. Agora esta sociedadezinha, tão dividida em classes, até nem tem classificação” (ARAGÃO e PIMENTA, 1984: 90). A sátira a esta sociedadezinha sente-se tanto na configuração das personagens como nos títulos desta série: “Ao pensar no cash-flow”, “Talvez possa ser em part-time”, “Antes de começar o fim”, “Então não chegaram as flores”, “Sem doping nem borboletas nem privatizações”, “A chegada perfeitamente imprevisível”, “Sem saber do marketing exemplar”, “A outra nau catrineta”, “Num lugar raro sem gaivotas”, “Quando as meninas foram ver o mar”, “O gosto imprevisível de um astro”, “Agora é suspeito haver rosas”, “A viagem antes da alegria”, “Os homens que não acreditavam”, “Primeiro as necessidades básicas” e “Quando as mães lúcidas se irritaram”.

Como bem lembrou Eduardo Paz Barroso, no debate que se seguiu à apresentação desta comunicação no Colóquio “António Aragão: os sinais são evidências que permanecem sempre apontando” (2021), não será alheia a esta fase de Aragão a envolvimento dada pelo retorno à pintura e à figuração nos anos 80 e na década seguinte, na senda da *bad painting* e dos neo-expressionismos, mas é sobretudo um tempo de síntese no percurso do autor. Feitas de recortes de revistas do *Expresso*, rasgadas, emaranhadas, queimadas, coladas e pintadas, executadas de um só fôlego, as pinturas desta última fase convocam experiências passadas e díspares, dando-lhe unidade. Assim, desde a inclusão de textos impressos, ora legíveis, ora ilegíveis, mas sempre plasticamente operativos, à narrativa, comum à produção ficcional que enforma a criação de personagens, de situações e até dos próprios títulos, estamos perante uma explosão criativa com uma liberdade até então só explorada em textos.

As figuras do extratexto de *Textos do Abocalipse* aparentam-se com as da série “Os monstros” no traço enérgico e sintético, na vozearia das bocas abertas com dentes ponteagudos, nos braços levantados com as mãos muito abertas, nas cabeças de animais hiantes, mas indefinidos. Um deles, com um só olho e cauda de camaleão, sobrevoa a cena, graças ao seu rotor de helicóptero, apesar das toscas rodas que tem no lugar das patas (imagem 17).

Foi também António Rodrigues quem organizou, em 2000, a *Retrospectiva Artes Plásticas. António Aragão*, no Museu da Electricidade-Casa da Luz, de 4 a 8 de Maio, integrada numa iniciativa do Cine Forum do Funchal-FACIC Forum de Arte, Ciência e Cultura, a última feita em vida do autor.

A exposição colectiva *Horizonte Móvel*, em 2008, no Museu de Arte Contem-



porânea do Funchal, Fortaleza de S. Tiago,<sup>11</sup> deu particular ênfase à presença de Aragão, pondo o seu trabalho em diálogo com peças de António Barros, António Dantas, António Nelos, Ção Pestana, Rigo ou Silvestre Pestana, elementos de outras gerações que encontraram nele um incondicional impulsionador.

Em 2010, a Galeria dos Prazeres retomou as aguarelas de costumes e os monstros. E recentemente, em 2021, uma mostra de parte do espólio adquirido pelo Governo Regional da Madeira<sup>12</sup> foi apresentada na Quinta Magnólia-Centro Cultural, Funchal, integrada na exposição colectiva *Pensar Aragão mais ou menos exactamente*, com curadoria de Carlos Valente.

### Segundo andamento - nexos à revelia do tempo

Procuremos respigar algumas linhas de força, que atravessam, de uma maneira ou de outra, a multiplicidade de campos de acção em que se moveu este autor. Ao longo do seu percurso prevalece, de diferentes modos, para além de um obstinado impulso dialogante (MINISTRO, 2020: 80), uma tensão entre polos opostos, uma oscilação dinâmica, ou uma espécie de conflito aflito que se resolve num deslizamento para o distanciamento satírico, para o desconhecido e para a “curiosidade nómada” (SANTA CLARA, 2011: 122 ). Encontramo-lo repetidamente entre a ilha e o mundo, entre a destruição e a construção, entre a palavra e a imagem, entre o pincel e a máquina, entre a angústia e a sátira.

#### — Entre a ilha e o mundo:

Há uma alternância entre o apelo da ilha e o do mundo. Por um lado, a própria ilha não é vista linearmente. Há a ilha repertoriada nos apontamentos etnográficos, nos ensaios históricos, ou transmutada em pintura: “os óleos pintados na Madeira ajustam-se mais exemplarmente ao que me pretendo entender no caso insular. Através deles procurei ver esse meu ver da ilha onde nasci” (*Retrospectiva* [...], 1981: 4). Por outro lado, há a ilha da pequenez e da rotina, tão desesperadamente invocada no SOS de *Filigrama*, que aparece também em desabafos aqui e ali deixados noutros textos, entre a fúria e o desalento: “Outro dia parti os vidros da janela com as mãos. Com a fúria dos punhos cerrados. Que te posso adiantar? Já não podia talvez com a ideia de me levantar da cama para repetir uma dia igualzinho ao anterior” (ARAGÃO e PIMENTA, 1984: 17). Ou então: “embora me

<sup>11</sup> Realizada no âmbito das comemorações dos 500 Anos da Cidade do Funchal. Teve curadoria de Isabel Santa Clara e Vítor Magalhães.

<sup>12</sup> As imagens 2, 3, 5, 8, 9, 12, 13 e 15 são de peças que fazem parte deste espólio adquirido pelo Governo Regional da Madeira.



encontre insulado nesta baba marítima arrotada pelo Criador” (ARAGÃO e PIMENTA, 1984: 98); “Realmente um tipo aqui subtrai-se. Se não toma certos cuidados até pode extinguir-se de repente” (ARAGÃO e PIMENTA, 1984: 97).

Quanto ao mundo, seja a Lisboa dos tempos de formação e onde, mais tarde, se fixou “por gostar muito da Madeira” (BERNARDES, 1991: 7), seja Paris e Roma de outras experiências e aprendizagens, seja o mítico México que “palavra de honra, era onde eu devia ter ficado” (ARAGÃO, 1980: 54), é o lugar das descobertas e dos contactos, do preenchimento das “necessidade espirituais e culturais que a gente tem” (BERNARDES, 1991: 7).

### — Entre a destruição e a construção:

Na retrospectiva de 1981, Aragão afirma que ela “significa sobretudo que recusei ver muitas coisas, que me desentendi de ver outras, que outras não queria mesmo ver”. Tal recusa é uma

Espécie desesperada de não estar de acordo, ou ser ao contrário de qualquer acordo. [...] De não aceitar lá porque assim deve ser ou assim está escrito ou programado. Se calhar porque a negatividade rotulada do que me foi imposto ou codificado ou quiseram que assim fosse [...] não bastasse realmente para confirmar a minha imagem na presença de existir (*Retrospectiva de Pintura*, 1981: 5,6).

Esta negação fundacional levou Jorge Marques da Silva (TRANQUADA, 2010) a observar que o processo criativo de António Aragão se alicerça numa unidade destrutiva a partir da qual ele encontra novas maneiras de dizer. Efectivamente, ao desfazer a ligação sintática entre as palavras, os seus poemas experimentais e a sua escrita ganham novos sentidos, tal como as colagens, ao justapor elementos díspares, constroem outras realidades. Nas palavras de Aragão, trata-se de “uma forma adversa de construir contra a paz monopolizadora ou contra a guerra moral e imoral e etcétera e tal” (ARAGÃO, 1980: 54).

A destrutividade é muito evidente nas pinturas/colagens da sua última fase, que enfatizam o que ele escrevera muitos anos antes a propósito do poema: “por isso se dão nomes à matéria: inventa-se e destrói-se para que ela viva a sua tremenda metamorfose” (*Visopoemas*, 1965). Esse impulso destrutivo funciona, pois, como uma catástrofe inicial de onde se retira o material genésico da criação.

### — Entre a palavra e a imagem:

Não nos atardaremos neste tema, pois manifesta-se sobretudo nas suas práticas experimentalistas, com colagens, apropriações de formulários ou electrografias, estudados em outros contextos (MINISTRO, 2020: 78-82 e



*passim*). Lembremos apenas que, para ele, “O ikon e o logos não se comportam segundo uma separação irremediável, mas antes comungam duma comunicação espacial de modo que um não ilustra o outro nem pretendem uma recíproca explicação. Talvez se trate sobretudo de um duplo olhar do ser. Bipolaridade do ser consubstanciado na união das duas partes componentes”. Daí a sua fórmula “ler é igual a ver e ver igual a ler” (ARAGÃO 1985: 185).

É de sublinhar, neste contexto, que o modo como joga com os títulos dos quadros é elucidativo da sua navegação livre entre palavras e imagens. Ora criam desvios ou mesmo choques com a imagem, como na retrospectiva de 1991, ora ampliam e introduzem elementos de narratividade como na série “Os monstros”.

#### — Entre o pincel e a máquina:

É na fotocopiadora que Aragão encontra a possibilidade de uma nova linguagem “à altura da sociedade técnica ou tecnológica” (ARAGÃO 1985: 185). Fá-lo num período em que tinha trocado a pintura e o desenho pela electrografia como meio de produção de imagens. Os resultados surpreendem-no pela rapidez de execução, facilidade de reprodução e, sobretudo, pela imprevisibilidade. Além disso, Aragão atribui à máquina um estatuto de co-autor. Para ele “O pincel é inerte, obedece à mão. A máquina não. Tem recursos, ela própria, e que são imprevisíveis. São de tal maneira que pertence[m] a outro, a um personagem criativo” (BERNARDES, 1991: 6).

Quando retoma o pincel, na série “Os monstros”, não é já o mesmo pincel obediente, mas sim aquele que tem de confrontar-se com as imagens, as palavras e os acidentes da superfície dos papéis colados e queimados. É, pois, uma outra forma de lidar com o acaso, ou melhor, de pôr em diálogo aleatoriedade e intenção.

#### — Entre a angústia e a sátira:

Em diferentes momentos encontramos figuras angustiadas, bocas abertas em grito, desesperos vários. Nas cenas de um deserto, toda a série ronda situações limite, e as figuras arrastam-se entre o desalento e o grito; no extratexto de *Textos do Abocalipse* predomina a aflição. Já na série “Os monstros” há uma mescla de gritaria aflita e de paródia, num tom satírico que se alimenta do desnorre do país e do mundo e de uma angústia vinda de dentro.



### 3º andamento - Finale con fuoco

Este andamento final vai um tanto em jeito de colagem, já que Aragão deixou abundante material a que apetece deitar mão. As categorizações não o apanham, ele escapa-se pelos interstícios, como escapa à fixação num único lugar: “sou uma espécie de saltimbanco que gosta de viver assim” (BERNARDES, 1991: 7). Resumindo o seu percurso, escreve: “um tipo foi pintando, pintando, fazendo assim como poemas (quase sempre “mal/ditos”), escrevendo à maneira de contar ou romancear (até mesmo teatro) e protestando ou dizendo alguma coisa do que sabia em revistas ou jornais deste nosso país e doutro”(ARAGÃO, 1980: 54). Que lugar tem este “pintando, pintando” no meio das outras tantas coisas, algumas das quais ele talvez se “tivesse obrigado a mudar de óculos ou preferido inventar uma outra loucura ainda não catalogada” (ARAGÃO, 1980: 54)?

A materialidade das formas exercitou-lhe o olhar para ver de outro modo, adestrou-lhe a mão para sentir como se transmutam os materiais em signos. Mão e olhar foram aprofundando a desobediência ao óbvio. As artes plásticas também lhe proporcionaram contactos e deram algum retorno económico com que financiou outras aventuras. No entanto, a produção de António Aragão neste âmbito ficou muito aquém da visibilidade e da abrangência de relações que lhe deu a incursão pelo visualismo e pelo experimentalismo poéticos. Ao optar pelo constante deslocamento de interesses, sem enveredar por aprofundamentos, e ao não entrar sistematicamente na liça, não teve grande atenção da crítica.

As últimas pinturas / colagens são, efectivamente, um *finale con fuoco*, literal e metaforicamente, próprias de quem de si afirma que “mexe, remexe, fabrica, revolve, experimenta, explode, destrói” (ARAGÃO, 1980: 54). Com raízes lá atrás, em gestos e memórias, com o olhar num presente (leia-se década de 1990) veiculado pelas notícias, estas peças surgem da celeridade de execução, de uma qualquer urgência, cortando, emaranhando, queimando, desenhando e ... “pintando, pintando”.

Chegados aqui, não mais fizemos que traçar um dos possíveis percursos por entre as linhas, as cores, os volumes e, como não podia deixar de ser, por entre as palavras de António Aragão. Depois de vagabundear, terminamos roubando-lhe um título: tudo isto se deu *Antes de começar o fim*. Um fim que, no entanto, deixou muitos e diversificados rastros.

## Referências bibliográficas

- ARAGÃO, António (2008), “Para uma visão socioeconómica da arte na Madeira”, *Cultura madeirense: temas e problemas*, org. José Eduardo Franco, Lisboa: Campo de Letras, pp. 170-174.
- ARAGÃO, António (1992), *Textos do Abocalipse*, Lisboa: Pedro Ferreira.
- ARAGÃO, António (1985), “A escrita do olhar”, *Poemografias: Perspectivas da poesia visual portuguesa*, org. Fernando Aguiar e Silvestre Pestana, Lisboa: Ulmeiro, pp. 175-88.
- ARAGÃO, António (1965), *Visopoemas*, Lisboa: Galeria Divulgação.
- ARAGÃO, António e PIMENTA, Alberto (1984), *Os 3 farros. Descida aos infernos*, Lisboa: Ed. Danúbio.
- COELHO, Diogo João Silva Rocha dos Santos (2013), *O contributo de Cruz de Carvalho para a história do Design em Portugal*, Dissertação de Mestrado em Design de Equipamento, Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
- GUERRA, Jorge Valdemar (2011), “António Aragão e a Defesa do Património Insular”, *Margem 2*, n.º 28, Funchal: CMF, pp. 7-19.
- MINISTRO, Bruno (2020), *Todas as cópias são originais. Electrografia e copy art em Portugal*, Tese de doutoramento em Materialidades da Literatura, Coimbra: Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- SAINZ-TRUEVA, José de e VERÍSSIMO, Nelson (1996), *Esculturas da Região Autónoma da Madeira: Inventário*, Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura, pp. 121, 126, 135, 173, 160.
- SANTA CLARA, Isabel (2019a), “António Aragão”, *Madeira empreendedora. 40 Figuras Empreendedoras da Cultura Madeirense*, org. Cristina Trindade, Lisboa: Edições Esgotadas, pp. 211-216.
- SANTA CLARA, Isabel (2019b), “O exílio madeirense de três pintores gibraltinos”, *Isleña*, n.º 65, dez, Funchal: DRC, pp. 39-62.
- SANTA CLARA, Isabel (2015), “Da transversalidade e da transgressão da autoria em António Aragão”, *Cibertextualidades* n.º 7, Porto: Universidade Fernando Pessoa, pp. 45-52.
- SANTA CLARA, Isabel (2011), “A pintura de António Aragão”, *Margem 2*, n.º 28, Funchal: CMF, pp. 7-19.
- SANTOS, David e TAVARES, Cristina Azevedo (2012), *Motivo imprevisível. Exposição antológica de Álvaro Perdigão*, Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira / Museu do Neo-Realismo.
- SOUSA, Élvio (2011), “António Aragão e o pioneirismo da Arqueologia Madeirense: o exemplo do Convento da Piedade de Santa Cruz”, *Margem 2*, n.º 28, Funchal: CMF, pp. 25-29.
- VERÍSSIMO, Nelson (2011), “António Aragão, historiador”, *Margem 2*, n.º 28, Funchal: CMF, pp. 20-24.

## Catálogos

- “Arte moderna portuguesa” (1966), *Eco do Funchal - Suplemento 11*, Funchal: Eco do Funchal.
- António Aragão* (2015), Funchal: Leilões Mouraria (catálogo do leilão).
- António Aragão. Evocação equívoca da ilha. Pintura* (1991), Funchal: Galeria Porta 33.
- ARAGÃO, António (1980), “António Aragão”, *Dois ciclos de exposições: Novas tendências da arte portuguesa — Poesia visual portuguesa*, Coimbra: Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, p. 54.
- Arte Moderna* (1960), Caldas da Rainha: Minerva Caldense.
- Arte moderna portuguesa* (1965-1966), Funchal: Delegação de Turismo da Madeira / Junta Geral do Distrito / Câmara Municipal do Funchal, Dez 1965-Jan 1966.
- Arte moderna portuguesa* (1967), Funchal: Cine Forum do Funchal.
- Exposição de António Aragão* (1956), Funchal.
- I Salão dos Novíssimos* (1959), Lisboa: Secretariado Nacional de Informação.



## ANTÓNIO ARAGÃO ENTRE LINHAS, CORES E VOLUMES

*II Exposição de Arte Moderna de Viana do Castelo* (1959), Coimbra: Círculo de Artes Plásticas de Coimbra.

*II Exposição de arte moderna portuguesa* (1967), Funchal: Delegação de Turismo da Madeira / Junta Geral do Distrito / Câmara Municipal do Funchal.

*II Salão dos Novíssimos* (1960), Lisboa: Secretariado Nacional de Informação.

*Novas aguarelas de costumes* (1965), Funchal: Pátio das Artes.

*Pintura* (1996), Santa Cruz: Casa da Cultura, Quinta do Revoredo, de 22-4 a 11-5 (org. António Rodrigues).

*Retrospectiva Artes Plásticas. António Aragão* (2000), Funchal: Museu da Electricidade, Casa da Luz, de 4 a 8 de Maio (Cine Forum do Funchal-FACIC Forum de Arte, Ciência e Cultura; org. António Rodrigues).

*Retrospectiva de António Aragão "Aguarelas de costumes madeirenses"* (1983), Funchal: Teatro Municipal, de 5 a 7 de Fevereiro.

*Retrospectiva de pintura 1957-1965* (1981), Galeria de exposições temporárias do Museu de Arte Sacra, Funchal: Cine-Forum do Funchal, de 27-2 a 20-3.

SANTOS, David e TAVARES, Cristina Azevedo (2012), *Motivo imprevisível. Exposição antológica de Álvaro Perdigão*, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira / Museu do Neo-Realismo.

*Visopoemas* (1965), Lisboa: Galeria Divulgação.

*XLVI Exposição Anual de Pintura a óleo e Escultura* (1949), Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes.

## Periódicos

BERNARDES, Lília (1991), "António Aragão "Evocação equívoca da ilha", *Diário de Notícias-Revista*, 3 mar., Funchal: Diário de Notícias, pp. 6,7.

H. (1946), "Temas de Arte. Aragão Correia madeirense e pintor de temperamento vai realizar brevemente uma exposição de quadros no Funchal. Uma visita ao atelier do artista", *Diário de Notícias*, n.º 22007, 13 out., Funchal: Diário de Notícias, p. 1.

P[RETO], G[onçalves] (1956), "Exposição de António Aragão", *Re-nhau-nhau*, n.º 869, Funchal: s.n., p. 4.

PRETO, Gonçalves (1950), "Exposição de pintura", *Re-nhau-nhau*, n.º 682, 30 set., Funchal: s.n., pp. 1- 2.

P[RETO], G[onçalves] (1949), "Exposição de Pintura", *Re-nhau-nhau*, n.º 651, 3 out., Funchal: s.n., p. 2.

PRETO, Gonçalves (1946), "Uma exposição de pintura", *Re-nhau-nhau*, n.º 557, 21 dez., Funchal: s.n, p. 38.

s.n. (1981), "A (anti)conferência de António Aragão", *Diário de Notícias*, n.º 34636, 15 mar., Funchal: Diário de Notícias, p. 16.

s.n. (1960), "II Festivais de Música e Belas Artes da Madeira. I Exposição Nacional de Pintura na Quinta Vigia", *Diário de Notícias*, n.º 27791, 16 jul., Funchal: Diário de Notícias, pp. 1 e 3.

s.n. (1957), "Na manhã de ontem, a Madeira recebeu, calorosamente, o Sr. Ministro das Obras Públicas". "No novo edifício da escola Industrial e comercial", *Diário de Notícias* n.º 26676, 5 mai., Funchal: Diário de Notícias, p. 3.

s.n. (1955), "Aragão Correia. Uma personalidade artística poliforme. Duas exposições em preparação: uma no Funchal, e outra na Suíça", *Voz da Madeira*, n.º 115, 6 ago., Funchal: Editorial Voz da Madeira, p. 3.

s.n. (1950), "Dois artistas pintores da Escola de Belas Artes vão expor, em breve, nesta cidade, alguns dos seus trabalhos", *O Jornal*, n.º 5442, 12 set., Funchal: Empresa Madeirense Editora, Lda., pp. 1 e 4.

s.n. (1949), "Artes Plásticas. A exposição de "estudos" de Aragão Correia", *Diário de Notícias*, n.º 23021, 25 set., Funchal: Diário de Notícias, pp. 1 e 6.

s.n. (1947), "Vida artística - Exposição de pintura de Aragão Correia", *Diário de Notícias*, n.º 22088, 8 jan., Funchal: Diário de Notícias, p. 4.

s.n. (1946b), "Vida artística - Exposição de Aragão Correia", *Diário de Notícias*, n.º 22063, 10 dez., Funchal: Diário de Notícias, 10-12-1946, p.1.

s.n. (1946a), "Vida artística - Exposição de pintura de Aragão Correia", *Diário de Notícias*, n.º 22060, 6 dez., Funchal: Diário de Notícias, p.1.



V[IEIRA], E[Imano] (1956), “Artes Plásticas - A exposição de António Aragão foi ontem inaugurada pelo Senhor Governador do Distrito”, *Diário de Notícias*, n.º 26344, 22 mai., Funchal: Diário de Notícias, p. 1.

## Sítios electrónicos

*António Aragão*. Arquivo digital da PO.EX, disponível em: <http://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografas/antonio-aragao-biografia> (acedido a 10-6-2021).

*Cibertextualidades* (2015) n.º 7, *Estudos sobre António Aragão*, Porto: Universidade Fernando Pessoa, disponível em: <http://cibertextualidades.ufp.edu.pt/numero-7-2015/>, (acedido a 10-6-2021).

<http://www.aragao.org> (acedido a 10-6-2021).

VALENTE, António Carlos Jardim (1999), *As Artes Plásticas na Madeira (1910-1990). Conjunturas, factos e protagonistas do panorama artístico regional no século XX*, Funchal: Universidade da Madeira (Dissertação de Mestrado), disponível em: <http://digituma.uma.pt/handle/10400.13/251> (acedido a 10-6-2021).

## Vídeos

LUÍSA, Maria (1994), *António Aragão*, documentário, Funchal: RTP

TRANQUADA, Luís (2010), *Aragão, poeta do olhar*, vídeo com depoimentos de Jorge Marques da Silva, António Rodrigues, Rigo e António Dantas. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=9De3\\_gdasd8](http://www.youtube.com/watch?v=9De3_gdasd8), (acedido a 10-6-2021).

## Agradecimentos:

Um reconhecido agradecimento pelo desafio de Rui Torres e Bruno Ministro; pelas informações disponibilizadas a António Rodrigues, Carlos Valente, Martinho Mendes, Rita Rodrigues, Rui Carita, Teresa Klut; pela cedência ou pela captação de imagens a Catarina Pestana, Emanuel Gaspar, Filipa Venâncio e Marcos Aragão Correia.